

***Alguns Livros, Alguns Nomes
memórias do que começou a surgir
na América Latina
entre os anos sessenta e os anos setenta***

Carlos Rodrigues Brandão

Quando analisamos a linguagem do humanismo político, mostramos que ela fala a parti de sua vocação para a liberdade. Sua negação do inumano que no presente existe, sua abertura à esperança, sua preocupação com a transformação tanto da negação quanto da esperança em história, por meio da ação política, são indícios que nos conduzem à descrição dessa consciência como estando determinada pela liberdade e comprometida com a missão da libertação humana.

Rubem Alves

Por uma Teologia da Libertação – página 133

Raramente pequenos artigos são dedicados a alguém. Este será. Ele é dedicado a duas pessoas talvez um pouco menos conhecidas do que outras em nosso meio, porque escreverem pouco. Mas a presença de Beatriz Bebianco Costa e de Jether Pereira Ramalho em tudo o que envolve o que aqui escrevo foi sempre essencial, desde os começos de tudo. Ela e ele partiram neste ano de 2020. Seguem presentes, como antes. Como sempre.

De outra parte preciso reconhecer de imediato e por escrito a partilha de Osmar Fávero neste escrito. Comecei a aprender sobre a educação e a educação popular com ele desde dezembro de 1963. Não parei mais.

Osmar Fávero tem, entre outras, duas virtudes. A primeira é ser até hoje “a presença e a memória viva da educação popular no Brasil”. A segunda é ser um dos únicos remanescentes de pessoas “dos velhos tempos”, que ainda sempre respondem mensagens. E sempre as respondem não com bilhetes de duas linhas, mas com mensagens, como se fosse um diálogo. Como se uma longa e amorosa conversa.

Em menos de uma semana ele devolveu uma cópia deste escrito inteiramente relida, revista e completada.

Introito – de onde venho para escrever o que escrevi

Venho bem do começo dos “anos sessenta”. Sou testemunha de algumas ocorrências no Brasil, na América Latina e no Mundo que levaram algumas pessoas que escrevem a chamar aquela de “a década que não acabou”.

Ingressei na “vida universitária” em março de 1961. Até então eu fui um típico “menino carioca”, preocupado (seriamente) em mergulhar nas ondas dos mares de Copacabana e do Arpoador, em percorrer trilhas de florestas, e em escalar montanhas. Até quando acabei casando com a coordenadora da Equipe do Movimento de Educação de Base de Goiás, e deixei praias, florestas e montanhas, onde vivi dos 10 aos quase os 26 anos de idade, para ir viver no “cerrado” do “Planalto Central”.

Um mês após ingressar em um “curso de filosofia” na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ingressei em uma das equipes da Juventude Universitária Católica. Uma das corporações de “militância cristã” da Ação Católica. E ingressei na JUC justamente um ano após a sua “virada para o social”, o que me levou a participar ativamente do “movimento universitário”, que desaguaria nos centros populares de cultura, um dos movimentos de cultura popular, um dos embriões do que anos mais tarde veio a tomar este nome: “educação popular”¹.

No final de 1963 ingressei, agora como participante profissional, no “Setor de Animação Popular” da “Equipe Nacional” do Movimento de Educação de Base. De então em diante atravessei democracias (sempre parciais e relativas) e ditaduras; tempos de estudante e tempos de professor; atividades de presença e assessoria de agremiações e movimentos de causas e lutas populares, primeiro no Brasil e, logo após, em vários países da América Latina.

Em tempos em que sempre parece prudente não declarar de público nossas origens, afiliações ideológicas e assinaturas partidárias, devo declarar

1. Em alguns escritos anteriores trago várias passagens com que o MCP e os CPCs lidaram com a *Cultura Popular* (com iniciais maiúsculas) e como era através dela que atuávamos em diferentes frentes de ações insurgentes, entre o teatro, a música, a poesia, a pedagogia, a saúde, etc. Mas o livro essencial sobre este tema é: *Cultura Popular e Educação Popular – memória dos anos sessenta*, organizado por Osmar Fávero. Muito mais completo do que os meus escritos, ele traz a íntegra dos principais documentos da época. Inclusive os primeiros escritos de Paulo Freire e sua equipe reunida no Serviço de Extensão Universitária da então Universidade do Recife.

que em boa medida a minha militância foi vivida junto agremiações cristãs de vocação católica e francamente ecumênica. Que esta confissão não pareça ser algo estranho e inusitado. Um cuidadoso estudo a respeito das agremiações que publicaram livros de Paulo Freire e junto as quais ele trabalhou durante anos, inclusive os do exílio, deixará claro que, nunca se apresentando como um “militante cristão” (e nem “marxista”) foi entre coletivos ecumenicamente católicos e, sobretudo, protestantes, que ele viveu e militou, entre a sede internacional do *Conselho Mundial das Igrejas* (protestante) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (católica)².

Logo a seguir, quando estivermos percorrendo alguns escritos depois editados como livros, veremos que vínculos nem sempre lembrados assertivamente são de confessada origem cristã, ou foram dados ao público através de instituições cristãs. A começar por *Pedagogia do Oprimido*, como se verá desta página em diante. E penso que lembrar essas origens e esses primeiros vínculos ajuda repor não apenas fatos pouco recordados do passado, assim como a estabelecer caminhos para o presente e o futuro. Pois, se estamos nos preparando para relembrar “os 100 anos de Paulo Freire”, saibamos viver este centenário reconstruindo fatos e feitos não apenas dele, mas de todo um contexto e um coletivo de pessoas que a seu tempo e a seu lado, partilharam o que veio a ser a criação de alternativas de imaginários e de ações emancipatórias que desde os anos 1960/1970 desaguam no que seguimos vivendo e esperando agora.

Nota liminar: como estou elaborando neste final de 2020 alguns escritos de memórias e imaginários referentes às primeiras décadas do que veio a ser entre nós a “educação popular”, devo estar repetindo aqui e ali, entre um escrito e outro, as mesmas palavras, as mesmas idéias e as mesmas referências. E de propósito. Lembranças como essas nunca é demais repetir.

² Em nossos círculos de educação popular, de investigação-ação-participativa e suas derivadas, sou mais conhecido como “um educador popular”, o que penso que sempre fui. Mas em minha vida inevitavelmente dual, desde 1967 sou também até hoje, aos 80 anos, um professor universitário, e desde 1972 um antropólogo. Minhas áreas de pesquisa vão da religião à cultura popular (mais os “rituais” do que as “militâncias”) e de questões de identidade e etnia ao campesinato e às comunidades tradicionais. Assim, sempre me pareceu algo “opaco” o pensarmos trajetórias e atualidades da educação popular deixando de fora fundamentos e afiliações entre a religião, a escolha filosófica de vida e pensamento, e a ideologia político partidária.

Alguns livros, alguns nomes

Do meio para o final dos que foram os “anos 60” e durante boa parte do que foram os 70”, em toda a América Latina, algumas palavras, entre termos antigos e novos, provenientes de alguma ciência, de alguma arte, de alguma reunião de operários de fabricas ou de camponeses, ou até mesmo de expressões corriqueiras em algumas ruas de qualquer cidade do Continente, começaram a aparecer acompanhadas de novos substantivos ou de outros adjetivos. Não raro ambos serviam a completar ou a reinventar títulos de escritos, entre documentos mimeografados e lidos às escondidas, artigos de revistas, ou mesmo livros impressos.

Assim, ainda nos anos 60 uma educação aparecia como “prática da liberdade”, e não apenas do conhecimento. Uma pedagogia era “do oprimido”, que deveria através também dela aprender a libertar-se. Uma teologia era “da libertação”, e não das almas dos que já se foram, mas da vida concreta do que aqui estão ainda aprisionados sob o poder dos opressores. Já antes uma sociologia se acompanhava do mesmo “da libertação” e se associava a práticas de produção de conhecimento social por meio de uma pesquisa que, para além de ser apenas “aplicada”, ousava ser “participante” e, no limite, realizar-se como uma “ação- participativa”.

E uma outra educação “popular”, e não apenas “para o povo”, emergia como “consciência”, para entre diálogos gerar um conhecimento que se voltasse criticamente para e sobre quem aprendia. E incorporava à pedagogia a “conscientização” de quem, ao conhecer, e ao se conhecer-conhecendo e aprendendo a desvelar o que lhe era imposto e oculto, soubesse somar-se a outros “esfarrapados do mundo”, para mudar a mente e a vida, assim como o destino, a sociedade e a história.

E em boa medida o que se pensava, dialogava (entre incontáveis e infundáveis reuniões de estudos) e se lia ao longo dos “anos sessenta”, sobretudo entre as pessoas e os coletivos de que estarei depondo aqui, poderia ser sintetizada com objetiva felicidade nesta passagem de Giovanni Semeraro:

As leituras de Marx, misturavam-se às de Sartre,, Mounier, Teilhard de Chardin, Le Bret, Mao, Jaspers, Marcel, Lucáks etc. Um caldo de ideias novas agitava as discussões estudantis e orientava suas práticas políticas, pedagógicas e culturais”³.

Ela se aplica aos “cristãos de esquerda” de então, e faltou completar a relação de autores abaixo, com nomes de pensadores, militantes e educadores brasileiros e, logo após, latino-americanos que já no começo dos “anos sessenta” vieram a se somar com intensidade aos “europeus” do passado e do presente cujas leituras foram fundadoras.

E entre os autores “nativos, um dos que mais cedo chegaram e que mais foram também “fundadores, é Paulo Freire. Em 1967 ele publicou *Educação como Prática da Liberdade* pela Editora Paz e Terra, do Rio de Janeiro. O livro saiu como o “volume 5” da *Série Ecumenismo e Humanismo*, em tempos do renovador Concílio Vaticano II. Mas bem antes escritos seus já circulavam entre nós. Lembro que ele e a sua “equipe pioneira” reunida no Serviço de Extensão Universitária, da então Universidade de Recife, escreveram e publicaram em 1963 quatro artigos que em alguma medida, antes mesmo de *Educação como Prática da Liberdade*, deram início por escrito ao “movimento da educação popular”⁴. Expressão que não existia então, pois, bem sabemos, o que nos unia no Brasil eram os “movimentos de cultura popular”. Em janeiro de 1962 Paulo Freire e sua equipe respondem pela realização, no Recife, de um “Primeiro Encontro Brasileiro de Movimentos de Cultura Popular”. A “equipe pioneira” era composta por Paulo Freire, Aurenice Cardoso, Jarbas Maciel e Jomard Muniz de Brito.

Em setembro de 1963, aconteceu no Recife, o “I Seminário de Alfabetização e Cultura Popular”. Convocado pelo Ministério de Educação e Cultura, dele participaram 76 organizações que trabalhavam com alfabetização de adultos e cultura popular. Relevante lembrar que dentre todas, apenas uma dessas organizações intitulava-se, pioneiramente, como de “educação popular”: a *CEPLAR - Campanha de Educação Popular da Paraíba*.

³ Está na página 20 de *A primavera dos anos 60 – a geração de Betinho*.

⁴. Originalmente os quatros escritos da equipe foram publicados juntos no número 4 da revista *Estudos Universitários*, da Universidade Federal do Recife. Anos mais tarde reapareceram reunidos no livro-coletânea de Osmar Fávero, *Cultura Popular e Educação Popular – memória dos anos 60*.

Os relatórios apresentados, as teses defendidas e as conclusões das comissões de estudo nesse Encontro foram mimeografadas pelo MCP do Recife ainda em 1963. Muitos anos mais tarde, em 2009, esses documentos, os mais importantes do período, foram reunidos no livro *I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular*, organizado por Leôncio Soares e Osmar Fávero e editado por MEC/UNESCO.

Em 1969, também nos EUA, foi publicado outro livro fundador. A tese de doutoramento em teologia de Rubem Alves deveria ter este nome: *Towards a Theology of Liberation*. Por imposição da editora norte-americana a palavra “liberação” foi trocada por “esperança” e o livro foi publicado como *A Theology of Human Hope*⁵. Muito recentemente a Editora Siano, de Juiz de Fora republicou em português o livro original com o nome escolhido por Rubem Alves: *Por uma teologia da libertação*.

Em alguns momentos do livro o teólogo incorporou o pensamento de Paulo Freire, com transcrição de passagens de *A Educação como Prática da Liberdade*, editado apenas dois anos antes. Eis um dos primeiros, e até hoje raros momentos, em que um estudo da teologia incorporou fundamentos críticos vindos da pedagogia. Quem leia um e o outro verá como são relevantes as citações de Paulo no livro de Rubem.

Em *Por uma teologia da libertação* há um momento em que Rubem Alves levanta a suspeita de que um número crescente de pessoas envolvidas com imaginários e ações emancipadoras estariam deixando tanto suas confissões religiosas de origem, quanto suas arcaicas e fatalistas concepções de história e de destino universal da humanidade. Pois, se no horizonte da história humana deveria haver um “apocalipse”, ele estaria bem mais próximo de Carlos Marx e de Pierre Teilhard de Chardin, do que de João Evangelista e dos comentadores seguintes de seu desvario bíblico.

*A linguagem da teologia e da Igreja, a linguagem de muitos hinos, liturgias e sermões soa ao homem secular, comprometido com a tarefa de criar um mundo novo, como a voz de uma esfera estranha e remota. Esta é uma das razões porque um crescente número de pessoas estão deixando as igrejas e optando por um humanismo totalmente secular*⁶.

5. A edição original é da Corpus Book, de Washington.

6. *Por uma teologia da libertação*, página 78.

Rubem Alves defende um “humanismo político”, entre Marx, Feuerbach e Nietzsche, colocados em diálogo com alguns teólogos, sobretudo protestantes, como ele próprio. Um novo sentido de história emerge tanto em Rubem Alves quanto em Paulo Freire, que em *Pedagogia do Oprimido* faz sua uma declaração de adesão a um equivalente “humanismo político”. Algo que ele tornará ainda mais direto e explícito de um de suas correspondências.

(...) Testemunho humanista. De humanismo que não se perde em frases feitas, quando muito sonoras, amontoado de palavras ocas, que fala em homem abstrato, fora do mundo, fora do tempo; humanismo pelo contrário (...) que é compromisso com o homem molhado de tempo, enraizado no mundo. Compromisso com os homens que estão sendo uma forma de não-ser⁷.

Lembro que tanto em Paulo Freire quanto em educadores e outros militantes sociais da América Latina, inclusive vários deles cristãos e alguns até mesmo sacerdotes, a idéia de uma sociedade que se humaniza através do socialismo estava sempre presente. Assim, em um escrito de um pensador e ativista francês bastante presente entre cristãos da América Latina, Emmanuel Mounier, esta alternativa é proposta sem meias palavras.

É necessário que renasça um socialismo vivo e vigoroso, com homens novos e espírito disponível... A revolução que queremos será obra de um povo vivo, não a tarefa administrativa de um Estado.

No ano de 1962 realizou-se em Santiago do Chile um *Primer Congreso Latino-Americano de Cristianos por el Socialismo*⁸.

Anos mais tarde, quando retornado de seu exílio de 13 anos, Paulo Freire será contratado como professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. E um documento encaminhado por Rubem Alves para o Conselho Universitário da UNICAMP será essencial para o

7. Está na carta de 13 de junho de 1969, em *Correspondência* de Paulo Freire, página 12.

8. Em seu número 29/30, ano X, a revista do ISAL, *Cristianismo y Sociedad* publicou na sessão: *Documentos*, a convocatória para o *Primer Encuentro Latino-americano de Cristianos por el Socialismo*. Tratava-se de um longo documento que ia da página 85 à página 95 da revista. Logo na *Introdução* da convocatória a palavra é dada a Fidel Castro: *Fidel Castro, em su reciente visita a Chile, se reunió com unos 120 sacerdotes y religiosas de izquierda. Afirmó en repetidas ocasiones que los cristianos “no son meros aliados tácticos, sino que estratégicos” de la revolución latinoamericana. Sin duda estos hechos son signos de nuevos tiempos para la Iglesia que sociológicamente ha sido con frecuencia calificada de conservadora*” (Página 86).

ingresso de Paulo Freire no mau alto grau da carreira docente em universidades de São Paulo.

Em uma passagem de *Educación Popular – trayectoria y actualidad*, o educador colombiano Alfonso Torres Carrilo acentua a aproximação entre Paulo Freire e uma então nascente frente de “cristãos de esquerda”. Na verdade, ela partiu mais dos próprios “movimentos cristãos”, que cedo acolheram as ideias e propostas pedagógicas de Paulo Freire, e foram as entidades que publicaram em primeiro lugar os seus livros, a começar por *Pedagogia do Oprimido*, e que mais tarde incorporaram Paulo ao seu quadro de profissionais, primeiro entre protestantes, no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra e durante o exílio. Depois entre católicos, como professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde até hoje existe uma “Cátedra Paulo Freire”.

Eis a passagem de Alfonso Torres, em tradução minha.

A militância cristã de Freire e o carácter humanista de sua proposta fez com que sua proposta tivesse acolhida dentro da Igreja; primeiro o MEB do Brasil (o Movimento de Educação de Base, ao qual pertenci – CRB) assume a sua metodologia e posteriormente a Conferência Episcopal de Medellín (1968); deste modo os fundamentos e a metodologia de Freire influem naquilo que posteriormente seria a Teologia da Libertação. Muitos religiosos e cristãos comprometidos com os pobres veriam na Educação Conscientizadora a metodologia mais coerente com as ações pastorais e educativas⁹.

Provavelmente uma tradução mais precisa do que de fato Paulo Freire pensou, acreditou e praticou pudesse ser reescrita assim: a militância humanista de Freire e a sua estreita aproximação com pessoas e coletivos cristãos, através de uma convergência de idéias e projetos emancipatórios...

De resto, a influência direta de Paulo Freire não apenas na Teologia da Libertação, que eclodiria ao longo da América Latina durante o seu exílio na Europa, é um fato de muitas maneiras comprovado. Lembro a presença de suas ideias já no livro pioneiro de teologia de Rubem Alves.

Um fato pouco conhecido – e do qual sou participante e testemunha vivencial – é que tanto na “Equipe Nacional”, quanto nas “equipes estaduais”, boa parte dos futuros educadores do Movimento de Educação de Base eram provenientes de quadros da Juventude Agrária Católica, da Juventude Operária

⁹ Está na página 28 de *Educación popular – trayectoria y actualidad*.

Católica, da Juventude Estudantil Católica e, sobretudo, da Juventude Universitária Católica, todas elas integrantes de uma agremiação originária e aglutinadora, a Ação Católica.

Desde o final dos “anos cinquenta”, cristãos militantes, entre “leigos e sacerdotes” estarão ativamente vinculados a projetos e movimentos sociais emancipatórios, associados desde os primórdios aos movimentos de cultura popular, a começar pelo Movimento de Educação de Base. Eles serão os criadores, ainda no começo dos anos sessenta, da Ação Popular, o “braço político” da Juventude Universitária Católica. A Ação Popular tornou-se um movimento clandestino de luta e resistência durante a ditadura militar. Alguns de seus militantes vieram depois a abandonar a AP, e se incorporaram ao Partido Comunista do Brasil – PC do B¹⁰.

Ainda na década dos anos sessenta alguns pastores (de igrejas), educadores e outros profissionais protestantes originaram movimentos de vocação emancipatória no Brasil. E em pouco tempo, ao longo de toda a América Latina surgiram “frentes ecumênicas” de que o ISAL em termos continentais, e o CEDI, o Brasil serão ativos representantes.

Em 1970, em Bogotá a Editorial Nuestro Tiempo lançou o livro *Ciencia propia y colonialismo intelectual – los nuevos rumbos*, do sociólogo colombiano Orlando Fals-Borda¹¹. De origem igualmente protestante e, como Rubem Alves, um jovem professor que graças ao apoio de instituições presbiterianas estudou durante alguns anos nos EUA, Fals-Borda realizou investigações pioneiras com sua equipe, junto a comunidades negras da Colômbia. A partir delas e também da aproximação a pessoas, como Camilo Torres e a coletivos insurgentes, ele irá propor em seu livro uma nova “sociologia da libertação”.

10. Sobre toda a trajetória de cristãos, sobretudo de tradição católica, em movimentos e frente de lutas emancipatórias no Brasil, além dos livros de alguns de seus participantes diretos, relembro o livro de *A primavera dos anos 60 – a geração de Betinho*, de Giovani Semeraro, já lembrado aqui em outra nota de rodapé. Ao final de seu livro o autor relaciona inúmeros livros de cristãos militantes dos “anos sessenta”. E também uma extensa bibliografia de autores brasileiros e também de cientistas sociais norte-americanos e europeus que vieram ao Brasil conhecer de perto e, depois, escrever sobre o “cristianismo de esquerda” no Brasil e, mais tarde, na América Latina.

11. Em 1987 saiu uma terceira edição atualizada com alguns novos capítulos, entre os quais o que contém a citação que nos espera linhas abaixo.

Mais adiante a proposta de uma “pesquisa participante” deverá ser compreendida como uma decorrência e um instrumento de toda uma sociologia emancipatória de Orlando Fals-Borda. E em pouco tempo ela se associará à educação popular, em que algumas pessoas reconhecem uma “vertente pedagógica” originada em Paulo Freire e a sua proposta dialógica e interativa de construção do conhecimento social, desde os primeiros momentos do “trabalho da alfabetização popular”. E uma vertente sociológica originada em Orlando Fals-Borda¹².

Ainda no final dos “anos 60”, Gustavo Gutiérrez, um homem formado em medicina e depois tornado sacerdote dominicano, lançou no Peru uma sucessão de livros que o creditarão como um primeiro proponente da teologia da libertação. Em 1969 ele publicou por uma editora do Uruguai *Hacia una Teología da Liberación* (NIEC-JECI, Montevideo, 1969) e, em 1971: *Teología de la liberación – perspectivas*, publicado inicialmente em Lima, pelo Centro de Estudios y Publicaciones, e depois pela Editora Sigueme, de Salamanca, conhecendo então sucessivas edições. Em 1982 Gustavo Gutiérrez foi notificado pela Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano, para responder a dez objeções derivadas de seus escritos teológicos¹³.

12. Em 1985, durante a grande Conferência Internacional de Educação de Adultos, patrocinada pela UNESCO, Ricardo Cetrulo, então coordenador do Instituto del Hombre, de Montevideo, realizou duas longas entrevistas com Orlando Fals-Borda e comigo. Com relevantes comentários do próprio Cetrulo e com textos adicionais de Orlando e meus, o material foi reunido em um livro: *Investigación Participativa*. Em minha contribuição tento acrescentar uma “abordagem antropológica” da IAP. Não esquecer que existe uma “vertente europeia” da IAP, com o nome Pesquisa Participante. René Barbier é um dos seus principais divulgadores e ele possui inclusive livros traduzidos para o Português e o Espanhol. Em muito pouco esta vertente, mais socialmente reguladora do que politicamente emancipadora, ela em muito pouco dialoga com as vertentes latino-americanas. Tal distanciamento ficou evidente no recente grande Congresso Internacional de Pesquisa Participantes (Conferências Arna), realizado em julho de 2017 em Cartagena de Índias, na Colômbia. Vindo da Europa, mas fortemente identificado com a América Latina, Boaventura de Souza Santos foi um raro “elo de diálogos” entre uma vertente e a outra. Uma difícil tarefa.

13 Apenas como uma referência de pequena memória. Em 1989 estivemos juntos na Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Gustavo como “visiting professor” e, eu, como “visiting scholar” (um degrau abaixo). Fomos feitos integrantes do St. Edmund’s College, o único “College” católico de Cambridge. Em uma solene cerimônia, diante de todo o “togado” corpo docente do “College”, fomos, também revestidos de togas, “entronizados no College”. Em um momento central, tendo nas mãos um pequeno papel cuja palavras em solene Inglês deveríamos ler, cada uma na sua vez, juramos solenemente fidelidade: a Deus, à Ciência e... “à Rainha da Inglaterra”.

Poucos anos mais tarde Enrique Dussel começará a publicar artigos e livros que a seu modo instauram primeiro uma “ética da libertação” e, depois, uma “política da libertação”. Nesta mesma direção Martin Baró e um grupo de sacerdotes jesuítas e de leigos associados lançarão na América Central uma “psicologia da libertação”. Existem vários, e pouco conhecidos livros a respeito.

Entre o jornalismo de denúncia, a literatura de protesto e uma releitura de história, Eduardo Galeano publicou *Las Venas Abiertas de América Latina* em 1971. E este será mais um livro de crítica social emancipatória publicado originalmente em Inglês e na Inglaterra. Poucos livros de releitura crítica da história real do Continente Latinoamericana terão obtido ao longo dos anos uma repercussão internacional tão grande e tão intensa quanto este primeiro livro de Galeano¹⁴.

Em 1974, exilado do Brasil na Argentina, e depois percorrendo vários países da América Latina, Augusto Boal lançou pela Editora Civilização Brasileira o seu livro: *Teatro do Oprimido – e outras poéticas políticas*, na coleção “Teatro Hoje”. Na abertura do livro, republicado em 1980, Augusto Boal repetiu para o teatro o mesmo que Eduardo Galeano afirmou a respeito da história, Gustavo Gutierrez a respeito da teologia, Orlando Fals-Borda sobre a sociologia e Paulo Freire a respeito da pedagogia. E também algo que de maneira crescente artistas, entre os da literatura e as da música, reiterariam a respeito de suas artes.

*Este livro procura mostrar que todo o teatro é necessariamente político, porque políticas são também as atividades do homem, e o teatro é uma delas*¹⁵.

Menos conhecidas, a não ser em um cenários cristãos-católicos, sobretudo ao longo dos anos sessenta e começo dos sessenta, algumas obras, entre artigos e de revista e livros do padre jesuíta Henrique da Lima Vaz, trouxeram para o âmbito da filosofia alguns pensamentos e algumas propostas centradas em uma

14 Recordo-o fazendo a palestra de abertura da 2ª Conferência Internacional de Pesquisa Participante, em Cartagena de Índias, e 1997. Ela deveria ser aberta por Paulo Freire, que faleceu meses antes. Ao lado de Orlando Fals-Borda, Galeano fazia a memória de Paulo. Em 2017, também em Cartagena de Índias, recordávamos Orlando e Eduardo.

15. Está no primeiro parágrafo da “explicação” do livro, na página 1. O local e a data assinalados ao final são: Buenos Aires, 1974.

nova e ativa presença do homem enquanto sujeito crítico e transformador de seu mundo.

Lima Vaz foi um “mentor filosófico” da Juventude Universitária Católica, assim como do Movimento de Educação de Base. Durante toda a década dos anos sessenta, as ideias e propostas de Lima Vaz sobre “consciência e conscientização” foram então tão próximas e influentes junto a “militantes da Ação Católica” e a educadores cristãos quanto as de Paulo Freire. Mimeografados primeiro e, depois, incorporados a revistas, entre outros, três estudos de Henrique da Lima Vaz foram leituras individuais e coletivas essenciais: *Consciência e realidade nacional*, de 1963; *Cristianismo e consciência história*, também de 1963, e *A igreja e o problema da conscientização*, de 1968 (todos inseridos na bibliografia ao final).

Quando em 1963 foi publicado o *Manifesto do Diretório Central dos Estudantes da PUC do Rio de Janeiro*, um documento originado de estudantes universitários majoritariamente católicos, o “Padre Vaz”, como era então conhecido em todo o Brasil, foi ao mesmo tempo apontado e denunciado como “autor intelectual do documento”, que se tornou então um dos escritos públicos mais polêmicos em todo o País. No livro *Cristianismo Hoje*, de 1963, Lima Vaz escreveu um longo artigo em que defendia os pontos colocados em questão, inclusive por autoridades eclesásticas do Brasil, a respeito do “Manifesto”¹⁶.

Raul Landim, um discípulo de Lima Vaz foi contratado como “filósofo” pelo MEB, uma instituição dedicada à alfabetização com um filósofo em seu quadro. Ele escreveu documentos de estudos sobre a então candente questão da “conscientização”. Mimeografados, eles eram enviados as várias “equipes regionais” e “locais” do MEB, como parte de um intenso e permanente “programa de formação de quadros”.

Sobre um outro livro dos anos “sessenta-setenta” devo escrever com maior cuidado e com mais vagar, pois eu estou envolvido nele. Tal como outros livros do período, entre tempos de esperanças e anos de ditaduras, ele percorreu também estranhas trilhas. Seu nome no original em Espanhol é *Educación Popular y Proceso de Concientización*. Depois de uma longa e acurada pesquisa bibliográfica Oscar Jara concluiu que em “tempos modernos” foi nele que pela

¹⁶ Ver *Cristianismo Hoje*, organizado por Herbert José Souza (o Betinho) e, Luís Alberto Gómez de Souza, e publicado pela Editora Universitária, do Rio de Janeiro.

primeira vez as palavras “Educação Popular” apareceram impressas na capa e no corpo de um livro.

Eu havia sido incorporado a uma equipe do *CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação*, para entrar em contato com grupos de militantes cristãos motivados a conhecerem as propostas de Paulo Freire a propósito de uma “educação libertadora”, e também sobre o como “trabalhar com o seu método de alfabetização”. Como resultado de algumas viagens a países da América Latina, entre a Argentina e o Peru, comecei a colocar no papel algumas idéias. Uma pequena agremiação de comunicadores e educadores populares do Peru tratou de mimeografar e fazer circular alguns desses escritos¹⁷.

Mais adiante surgiu entre nós a ideia de meus rascunhos serem reunidos em um livro. Assim se procedeu, e durante cerca de um ano, entre fins 1969 e 1971 um pequeno grupo de pessoas do CEDI e eu nos reuníamos para ler, rever e reescrever o que veio a ser o livro. Eis um outro exemplo de um livro originalmente pensado e escrito a mão (como o *Pedagogia do Oprimido*) por uma pessoa e, depois, coletivamente recriado.

Quando foi inteiramente revisto e, em algumas passagens, reescrito, em uma reunião do ISAL realizada em Montevideu decidimos que devido ao teor do livro e à dura repressão do governo militar no Brasil, o livro deveria omitir nomes de autores brasileiros. Sugeri então um pseudônimo, o do velho guerrilheiro do passado chileno: “Manoel Rodriguez”. A ideia não foi aceita, e então um dos integrantes de nosso grupo, Júlio Barreiro, um teólogo uruguaio, assumiu a sua autoria.

Como seu nome, mas apresentado como “o trabalho de uma equipe de psicólogos”, o livro foi enfim editado em 1974, pela Editora Siglo XXI da Argentina. E ele será mais um livro dos primórdios da educação popular a ser publicado antes em uma língua que não aquela em que foi originalmente escrito.

17. Décadas mais tarde, a Editorial Biblos, de Buenos Aires, publicou um livro um com este nome: *La educación Popular de Ayer y de Hoy*. Sugeri a Roberto Elisaldi, responsável pela edição, que ele fosse “um livro entre décadas”, indo dos “anos sessenta” aos de “2110”. Assim, o capítulo 1 – *conscientización y educación popular*, foi retirado de um artigo incorporado a um número de 1972 de *Cristianismo y Sociedad*, do ISAL (páginas 8 a 39). Antes dois capítulos do livro foram, como assinali já, mimeografados e distribuídos no Peru e em outros países próximos, desde 1970, por Ediciones Liberación, de Lima.

Proibido na Argentina após o golpe militar, ele foi a seguir editado por Siglo XXI do México e, mais tarde, da Espanha. Em Espanhol teve ao longo dos anos cerca de 15 edições. Foi depois publicado em Portugal, com o nome: *Educação Popular e proceso de consciencialização*, pela Editora Livros Horizonte, em 1978, com a íntegra do prefácio de Júlio Barreiro, de 1973. Dez anos mais tarde, abrandada a vigilância militar, o livro saiu em português no Brasil, após haver antes sido publicado em Portugal. Foi publicado pela Editora VOZES, DE Petrópolis, mantendo como autor o nome de Júlio Barreiro, e constando o meu como “tradutor”. Finalmente, no ano 2000 saiu pela Editora Pioneira, de Porto Alegre, uma ova edição do livro ainda com o nome de Júlio Barreiro, mas com um prefácio meu, autorizado por ele, esclarecendo de vez os entreveros do livro.

Notemos que a relação incompleta e imperfeita dos “livros pioneiros”, lembrados aqui, ocupa uma exata década, entre 1964, com os primeiros escritos da “Equipe da SEC, da Universidade de Recife, e com o livro essencial de Rubem Alves: Por uma Teologia Da Esperança (muito depois republicado com o seu nome original, onde a “esperança” dá lugar à “libertação”. e 1974, com Teatro do Oprimido, e com Educación popular y proceso de concientización, e outros livros ainda,.

~~Notemos que a relação incompleta e imperfeita dos “livros pioneiros” lembrada aqui, ocupa uma exata década, entre 1964, com os primeiros escritos da “Equipe do SEC”, por Paulo Freire e seus companheiros, e 1974, com Teatro do Oprimido, Educación Popular y Proceso de Concientización, e outros mais.~~

Desde a perspectiva originária e interativa da proposta de Cultura Popular do começo dos “sessenta” no Brasil, os livros fundadores fizeram interagirem a pedagogia, a teologia, a filosofia, a sociologia, a história, o teatro e outras artes e ciências. Quando em dias de agora ouço falarem em “transdisciplinaridade”, recorro como política e cientificamente a praticávamos décadas antes.

E relembro que o Movimento de Educação de Base talvez tenha sido a mais ousada instituição neste campo. Um “movimento” que para alfabetizar camponeses por meio de escolas radiofônicas tinha como profissionais de sua “equipe nacional”: um matemático, um filósofo, duas pedagogas, uma psicóloga (e um estudante de psicologia – eu), um sociólogo, uma assistente social e um cientista político.

Depois de estabelecer uma “memória editorial” incompleta e imperfeita, relacionando alguns dentre os escritos dispersos, os artigos reunidos em revistas e os livros pioneiros, penso que algumas peculiaridades presentes entre nós entre 1960 e os anos iniciais da “década dos 80” merecem ser recordadas.

Afinal, como entre a poesia e a pedagogia livros quase nunca são “escritos ao acaso”, o que estava acontecendo na América Latina para que, na contramão do que se escrevia então nos meios mais acadêmicos da Europa, estivéssemos ousando, sobre ditaduras militares, pensar o que pensamos, dizer o que dissemos e escrever o que escrevemos?¹⁸

Desconstruir teorias ou reconstruir a sociedade?

Em anos em que desde a Europa começam a nos chegar críticas e teorias voltadas à tarefa científica de “desconstruir” tudo, ou boa parte do que até então fora pensado, ensinado e escrito aqui na América Latina, estamos pessoal e coletivamente empenhados em criar teorias e ideologias para criticar, construir e reconstruir.

Se algo entre nós havia a “desconstruir”, não seria no acadêmico plano das teorias, mas sim no chão da política, através da desconstrução de estruturas de poder, de vida e também de pensamento, que geravam na desordem de um mundo persistentemente injusto, opressivo e desigual, as reais estruturas que deveriam ser, “desde abajo y desde la periferia”, desconstruídas, para que sobre uma terra compartilhada entre “livres e iguais”, uma outra sociedade fosse construída. Ou reconstruída.

Palavras ausentes ou possivelmente pensadas como piegas e ilusórias no Norte do Mundo, como a “esperança”, a “revolução”, a “criação humana do novo” e, afinal, o “inérito viável”, eram aquelas que nos animavam ativa e esperançosamente. Se o que almejamos então não havia se realizado ainda, nada indicava que não viesse a ser realizado algum dia. Afinal, a utopia não é o irrealizável; é o irrealizado... ainda.

O que me faz pensar em algo que Darcy Ribeiro escreveu pouco antes nos deixar.

18. Ao final deste escrito estabeleço uma bibliografia de livros lidos, consultados e indicados. E procedo de uma maneira bem pouco acadêmica. Ao invés de relacionar os livros por ordem alfabética, eu os distribuo em ordem cronológica. Pois o que importa é percebê-lo como se em uma “linha do tempo”.

Sou um homem de Causas. Vivi sempre pregando, lutando, como um cruzado, por causas que me comovem. São muitas, demasiadas: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária... Na verdade, somei mais fracassos que vitórias nas minhas lutas, mas isso não importa. Seria horrível ter estado ao lado dos que se venderam nessas batalhas¹⁹.

Pensando a educação como cultura e a cultura como política

Em uma comparação ampla, ou ponto-a-ponto, quando colocamos lado a lado escritos sobre temas convergentes ou mesmo bastante próximos e interativos, como a “educação permanente” proposta pela UNESCO desde a Europa, a iniciativa da ONU a respeito de projetos locais ou regionais de “desenvolvimento de comunidades” (inclusive alguns deles próximos da versão francamente colonialista da Aliança para o Progresso, proveniente dos EUA), assim como o que pretendeu - e segue pretendendo - representarem algumas vertentes europeias e norte-americanas da pesquisa participante, constatamos com facilidade que onde eles pensam a “questão social”, nós pensamos “dimensão política do social”; onde eles pensam uma democrática “educação estendida ao povo como um direito, nos pensamos uma “educação a serviço do povo como um projeto emancipador; onde eles pensam uma pesquisa com a participação do povo, nos pensamos uma pesquisa que participe ativamente de ações populares emancipadoras²⁰.

A criação de teorias, imaginários e propostas de ação emancipadoras vindas de um pluri-campos de ideias

19. Mensagem que pessoas amigas me enviaram por e-mail. Deve ser facilmente acessada na internet. Darcy Ribeiro dialogou algumas vezes com Paulo Freire, no Brasil e no exílio.

20. Tal como assinalei em um momento linhas acima, diferenças que em algumas situações são divergências, décadas adiante dos “anos pioneiros” continuam absolutamente vigentes. Bem o evidenciou o difícil diálogo entre participantes da América Latina e, eventualmente, de outras nações do “Terceiro Mundo”, e emissários da Europa, dos Estados Unidos, da Austrália e de outras nações do “Primeiro Mundo”. As diferenças essenciais entre projetos de “regulação do sistema” entre eles, e de “emancipação do sistema”, entre nós, foram muito bem trabalhadas por Boaventura de Souza Santos, não apenas durante o Congresso Internacional de Pesquisa Participante, de Cartagena de Índias, em 2017, como em alguns de seus trabalhos posteriores.

Em praticamente todos os escritos lembrados aqui, assim como em outros de não menor importância, o que se vê desde um correr dos olhos pela bibliografia ao final, é que apenas em bem raros casos existe uma ideologia de fundo única, ou dominante.

A leitura dos livros escolhidos por Paulo Freire para pensar e escrever *Pedagogia do Oprimido* são o melhor espelho do que falo aqui. Paulo Freire, Orlando Fals-Borda, Rubem Alves, Gustavo Gutierrez, Augusto Boal e outras e outros, alternam e fazem interagir, no que escrevem, algo de uma sociologia ainda funcionalista, mas já crítica, norte-americana, ao lado de filosofias humanistas cristãs e não-cristãs vindas da Europa. E junto com escritos de pensadores marxistas, entre Marx, Lenin, Mao Tse Tung, Althusser, Gramsci, repensados por marxistas latino-americanas, como Martha Haeneker. E ainda alguns essenciais pensadores e ativistas políticos como Franz Fanon, Alberto Memni, e mais Amílcar Cabral e Samora Machel, ativistas políticos da ex-África portuguesa. E ainda Martin Buber, um filósofo judeu-alemão autor, entre outros, de um livro sobre “socialistas utópicos”.

A coletivização da idéias – dos livros-solo aos livros-coletânea

A partir de meados dos “anos setenta” começam a desaparecer, ou a se tornarem bem mais raros livros e escritos com uma vocação universal, mesmo quando escritos desde a e para a América Latina, como *Pedagogia do Oprimido* ou *Educação Popular e Processo de Conscientização*. Paulo Freire, quando exilado no Chile, trabalha junto a camponeses chilenos e pessoas vinculadas a ações junto a eles. E para eles escreve *Extensão ou Comunicação?*

Quando já no Conselho Mundial das Igreja, e devotado com prioridade a nações recém-libertadas da tutela portuguesa na África, trabalha com educadores de Moçambique, de Angola, de Guiné-Bissau e de outros países. Escreveu *Cartas a Guiné-Bissau* e *Cartas aos Alfabetizadores de São Tomé e Príncipe*. Depois de *Pedagogia da Esperança*, uma sequência e uma releitura de *Pedagogia do Oprimido*, ele dará preferência a livros com diálogos pedagógicos diretos. E nesta mesma linha vários outros livros serão de “entrevistas com Paulo Freire”.

Assim também acontecerá com educadoras e educadores latino-americanas “dos anos setenta”, e do que chamarei aqui “uma segunda geração

de educadores populares”. Aos poucos intenso trabalho de coletivização de teorias, propostas e projetos começa a traduzir-se também no que se escreve e se publica. Diminuem os livros-solo de um único autor, e começam a circular entre nós, em Espanhol ou em Português, revistas coletivas ou livros-coletâneas, várias e vários deles resultantes de um crescendo de encontros, congresso simpósios e similares, ao longo de toda a América Latina.

Instituições como o CEAAL – Conselho Latino-Americano de Educação de Adultos (depois, “de Educação Popular”) e o CREFAL (Centro Regional de Educación de Adultos de América Latina), ao lado de outras instituições do Continente respondem tanto pela organização de encontros de coletivização de ideias e práticas, quanto pela publicação de trabalhos crescentemente coletivos. Entre nós e a partir de nossas práticas, freireanamente nós mutuamente nos ensinávamos e aprendíamos.

E cheguei a coordenar no Brasil quatro livros-coletânea. Um primeiro livro coletivo sobre a educação popular: *A questão política da educação popular*, publicado pela Editora Brasiliense em 1980; *Pesquisa participante*, em 1981; *Repensando a pesquisa participante*, em 1984, e *O educador – vida e morte*, em 1982.

Nos anos seguintes, mesmo quando ainda sejam editados alguns livros de autores-solo, ou de duplas de educadores populares, começam a circular entre nós livros-coletânea, inclusive alguns deles com artigos de Paulo Freire. E eles irão começar a ter um crescente maior impacto. Além do livro-coletânea sobre a educação popular organizado por mim, lembro a coletânea reunida por Vanilda Paiva em *Perspectivas e dilemas da educação popular*, publicado em 1984.

Ao lado dos livros coletivos resultantes de encontros continentais de educação popular e práticas emancipatórias afins, assim como revistas que ao longo de todo o Continente tratarão de divulgar o pensamento e a memórias de práticas e experiências de educadoras e educadores populares entre a Argentina e o México, *La Piragua*, revista criada pelo CEAAL terá então lugar central no diálogo latino-americano.

Depois dos autores-fundadores, a gestação de multi-autores de pluri-ideias em franco e intenso diálogo

Paulo Freire costumava dizer, entre falas brincalhonas e escritos sérios, que havia chegado o tempo de deixarmos de “nortear” nossas vidas e nossas idéias, e aprendermos a “sulear”. Assim ele fez. Assim fizemos também.

Paulo partiu para o exílio logo após a instauração dos 22 anos de ditadura militar no Brasil. A sua última fala pública foi a educadoras e educadores da Região Centro-Oeste, em Goiânia. O encontro foi no dia 31 de março de 1964, e na madrugada do dia 1º de abril os militares deram o golpe de estado, e instituíram a ditadura que o exilou.

Poetas, educadores, pessoas do povo e pensadores-militantes próximos a Paulo Freire partiram com ele para o exílio. Entre eles Ernani Maria Fiori, Thiago de Mello, Augusto Boal e Marcos Arruda.

Ficamos nós! Ficamos, entre a Argentina e o México o que restou na América Latina e no Caribe de uma então pequena e difusa comunidade de educadoras e de educadores que, tendo *Pedagogia do oprimido* como um “livro-guia”, coletivamente repensou, recriou e difundiu o que veio a ser desde então a “*educação popular*”. Éramos então uma geração de jovens estudantes ou de recém-profissionais, que coletivamente e desde as propostas de Paulo Freire, trataria de dar seguimento ao que veio a ser desabrochar e expandir-se como a sequência de políticas e práticas emancipatórias de que falo aqui.

Por uma primeira vez coletivamente na América Latina fomos obrigados a saltar fronteiras. Aprendemos a abrir a porta estreita de “nossos autores nacionais”, e a nos lançar a estabelecer um aberto diálogo transnacional com pessoas de outros países, de outras formações culturais, de outras escolas de pensamento. A bibliografia de nossos estudos - a menos que seja referida a algum tema restritamente “nacional”, como “a luta pela escola pública na Argentina durante a ditadura militar” - não poderia mais deixar de buscar fundamentos e referentes entre educadores de vários de nossos países, e de vários momentos do acontecer, de ações sociais emancipatórias e de movimentos sociais populares associados ao que chamávamos então de educação popular

Imagino que de forma tão ampla e dialógica, apenas entre nós a literatura e a música terão antes produzido entre nós uma tão alargada abertura dialógica latino-americana. E, entre educadoras e educadores latino-americanos, um romper fronteiras tão inovador.

Estabeleceu-se um diálogo de mão-dupla, primeiro na esfera de cada país e, logo após, em uma dimensão ampla e fecundamente “latino-americana”. Em uma direção, entre nós que nos assinávamos como “educadores populares” e em linha direta nos reconhecíamos como “herdeiros de Paulo”. Em outra direção ampliada, um diálogo que fazia retornar em outros termos alguns imaginários dos movimentos de cultura popular no Brasil. Entre tempos de duras ditaduras, sobretudo no Cone-Sur do Continente, e democracias sempre frágeis e relativas, nunca uma vertente pedagógica expandiu-se com tamanha criatividade e com tal vitalidade.

E também com uma característica bastante própria a sua vocação. Durante décadas não tínhamos nenhum polo ou centro regional, nacional ou local de referência prioritária. A educação popular tornou-se um “projeto da América Latina”. E de igual maneira, após a pessoa de Paulo Freire (ele mesmo sempre resistente a “estrelar-se”) nunca tivemos seja uma “escola local de educação popular” local ou regionalmente proeminente e, menos ainda, uma pessoa ou um pequeno coletivo que se apresentassem com qualquer pretensão de hegemonia e de liderança.

Tal como o ISAL anos antes, o CEAAL desde a sua criação – e tendo Paulo Freire como o seu “presidente de honra” - foi um território de e entre diálogos igualitários, avesso a qualquer prominência individual.

Uma fotografia que já reproduzi em outros locais deve ser trazida aqui. Ela me parece emblemática. Paulo Freire, retornado do exílio em 1980, viajou para a Nicarágua para estar presente em um grande encontro intercontinental de apoio à Revolução Sandinista. Na foto abaixo ele, já com os cabelos e as barbas esbranquiçadas, está junto com um grupo de então jovens educadoras e educadores populares do Continente.

É ao longo dos “anos setenta” e começos dos “anos oitenta” que as palavras “cultura popular” migram da educação militante (nunca inteiramente) para a antropologia e para a crítica sociológica da cultura, como em Nestor Garcia Canclini. E é quando a quase desconhecida expressão “educação popular”, ao espalhar-se por toda a América Latina transforma-se uma palavra-fundadora, na medida em que esquece ou relativiza origens remotas e teorias fundadoras, e inteiramente se “latino-americaniza”.

Creio que resulta espantoso e esperançoso constatar como o “movimento da educação popular” - bem mais do que uma “instituição” - atravessou tempos e fronteiras, ditaduras e democracias relativas, enquanto outras teorias e propostas de pedagogias nos chegavam da Europa e dos EUA, e depois de algo ao redor de uma década silenciosamente desapareciam.



Jovens equatorianos, mexicanos, chilenos, costarriquenses, peruanos, argentinos, bolivianos, uruguaios, e de outras nações do continente, e ainda uma holandesa e seu marido (idem) educadores populares nos altiplanos do Peru, junto com Paulo Freire em Managua.

Sentado e de cabeça abaixada na hora da foto, um brasileiro e carioca que, desde cedo sendo um amante da natureza, deveria estar observando o passar de alguma formiga no chão.

Eis boa parte da geração que com Paulo Freire no exílio consolidou, a partir de seu legado, a educação popular entre nós

A América Latina criadora e exportadora de teorias de ações emancipatórias

Relembremos memórias e fatos. Possivelmente por uma primeira vez na história de um campo de ideias e ações de vocação decolonizadora, insurgente e popular, ao redor de uma década e meia foram gestadas teorias e propostas de ações e práticas coletivas com estes nomes já nossos conhecidos: *pedagogia do oprimido, teatro do oprimido, educação popular, investigação-ação-participativa, sociologia da libertação, teologia da libertação, política da*

libertação, teatro do oprimido, releitura latino-americana do marxismo, diálogo cristão-marxista, socialismo humanista, humanismo político, etc.

Mesmo partindo originalmente de autores e de campos teóricos provenientes da Europa, em pouco tempo aprendemos a recriar em termos e entre tempos latino-americanos, aquilo que vieram a ser, a partir de nossos aprendizados junto a iniciativas de frentes de resistências e lutas francamente populares, algumas vertentes de ações culturalmente decolonizadoras e socialmente emancipadoras.

E foi a partir dela que por uma primeira vez em sua história continental, a América Latina tornou-se exportadora de teorias sociais, entre a teologia, a sociologia, a pedagogia, a poesia, a música e o teatro. Eu mesmo fui testemunha ocular de levadas de cientistas sociais, teólogos, historiadores, pedagogos e artistas que “desciam do Norte ao Sul” não mais para falar e ensinar, mas para calar, participar e aprender.

Quando as mulheres surgem e renovam e recriam o que se pensa e escreve

Na foto de Managua, entre 17 pessoas estão presente apenas 3 mulheres. Uma delas, Vera Giannoten, holandesa. A expansão da educação popular pela América Latina, ao lado de outras interativas práticas sociais emancipadoras, em menos de uma década seria extremamente enriquecida e fertilizada com o ingresso e o forte protagonismo de mulheres-educadoras. A simples leitura da bibliografia de artigos e de livros-coletânea dos anos setenta e oitenta revelará um crescente equilíbrio entre mulheres e homens.

Em nome de uma justiça pedagógica, será preciso recordar que mesmo quando ausentes de livros e de artigos, foram as mulheres, mais do que os homens, as educadoras-do-povo em suas bases.

E o Movimento de Educação de Base deverá ser convocado como um excelente movimento-testemunho do que falo. Nele os homens escreviam enquanto as mulheres educavam. E não deverá parecer nada estranho que, fora as muitas dissertações de mestrado e teses de doutorado, a mais clara e convincente narrativa do MEB e sobre o MEB resulte do trabalho de três mulheres essenciais: Vera Jaccoud, Maria Aída Bezerra Costa e Beatriz Bebianio

Costa²¹. Na mesma linha, a mais rica descrição das escolas radiofônicas de Natal, experiência-matriz do MEB, foi produzido por um coletivo feminino: Marlúlia Menezes de Paiva (org.), Maria Araújo Duarte de Carvalho, Maria José Teixeira Peixoto, Safira Bezerra Ammã e Zélia Faria Corrêa²².

Ao lado de educadoras populares como as lembradas acima, e mais, entre tantas: Aurenice Cardoso (da “equipe pioneira” de Paulo Freire), Alda Maria Borges Cunha, Sílvia Maria Manfredi, Conceição Paludo, apenas como uma precária lembrança de alguns nomes, recordo pessoas com quem comparti momentos latino-americanos entre os anos setenta-oitenta: Maria Tereza Sirvent, Sylvia Schmelkes, Adriana Puigrós, Isabel Hernandez, Rosa Maria Torres, Marcela Gajardo, Lola Cendales, Nelly Stromquist.

Devo ressaltar que uma das características da implantação-difusão da educação popular na América Latina foi a intensa e fecunda presença e participação de mulheres. Não conheço outro projeto coletivo mais igualitário, em seu campo, do que o da educação popular.

Epílogo

No nos sorprenda que allí, en ese mundo rústico, elemental o anfíbio (el del hombre caimán y el hombre hicotea) que ha atraído a los antropólogos, se haya configurado también el complejo literario del Macondo, hoy de reconocimiento universal.

Científicos e intelectuales del norte y del sur convergieron así creadoramente con novelistas y poetas para abrir surcos nuevos de comprensión del cosmos y retar versiones facilistas y parciales del conocimiento que provienen de la rutina académica.

Los macondos, junto con los bosques brujos de los yaquis, las selvas de los mundurucu y los ríos-anaconda de los tupis son símbolos de la problemática tercermundista y de la esperanza euroamericana: reúnen lo que queremos preservar y lo que ansiamos renovar. Retan lo que cada uno cree que piensa de si mismo y de su entorno. En fin, lo macondiano universal combate, con sentimiento y corazón, el monopolio arrogante de la interpretación de la realidad que ha querido hacer la ciencia cartesiana.

21. *MEB- uma história de muitos*, publicado no Cadernos de Educação Popular 10, do NOVA, em parceria com a Editora VOZES, de Petrópolis, em 1986.

22. *Escolas radiofônicas de Natal – uma história construída por muitos (1958-1966)*. Brasília, Liber Livro e Ed. UFRN, 2009.

Orlando Fals-Borda²³.

Bibliografia

Os livros e artigos não obedecem à ordem alfabética, mas sim a do ano em que foram produzidos, e quando a primeira edição terá sido publicada.

Os anos sessenta

Diretório Central dos Estudantes da PUC-Rio

Manifesto

Edição original de 1961; documento mimeografado, Rio de Janeiro
Publicado em LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução política dos católicos e da Igreja o Brasil: hipóteses para uma interpretação** 1979, Editora Vozes, Petrópolis

SOUZA, Herbert José e GÓMEZ DE SOUZA, Luís Alberto (orgs.)

Cristianismo Hoje

1963, Editora Universitária, Rio de Janeiro

AÇÃO POPULAR - AP

Documento básico

Documento original mimeografado em 1963, Rio de Janeiro.

Publicado em LIMA, Luiz Gonzaga de Souza

Evolução política dos católicos e da Igreja o Brasil: hipóteses para uma interpretação

1979, Editora Vozes, Petrópolis

AÇÃO POPULAR – AP

Cultura popular

1963, mimeografado, Rio de Janeiro

CENTRO POPULAR DE CULTURA - CPC

Manifesto do CPC

In: ESTEVÃO, Carlos. **A questão da cultura popular**

1963, Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro

VAZ, Henrique de Lima

Consciência e realidade nacional

In: Síntese Política, Econômica e social

1963, (8) abr./jun. 1963, Rio de Janeiro

VAZ, Henrique de Lima

Cristianismo e consciência histórica

In: Síntese Polpitica, Econômica e Social

1963, n. 8, abril/jun. 1963, Rio de Janeiro

23. Orlando Fals-Borda - *Ciencia propia y colonialismo intelectual – los nuevos rumbos*

I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular

1963, mimeografado, Movimento de Cultura Popular/Projeto Editorial e de Imprensa, Recife

Editado em livro em 2009, organizado por Leôncio Soares e Osmar Fávero e publicado por Ministério da Educação/Unesco (disponível na internet)

Gullar, Ferreira

Cultura posta em questão

1964, Editora Universitária, Rio de Janeiro

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

Movimento de Educação de Base: sua origem, sua ação, seu conteúdo

1965, mimeografado, Rio de Janeiro

MENDES, Cândido

Memento dos vivos – a esquerda católica no Brasil

1966, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro

FREIRE, Paulo

Educação como prática da liberdade

1967, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro (1ª edição)

VAZ, Henrique de Lima

A Igreja e o problema da conscientização

In: VOZES, N. 6

1968, n. 6, Petrópolis

Os anos setenta

KADT, Emmanuel de

Catholic radicals in Brasil

1970, Oxford Univ. Press, Londres

Católicos radicais no Brasil

2007, Ministério da Educação/Unesco, Brasília (disponível na internet)

GUTIERREZ, Gustavo

Teologia da libertação

1972, Editora VOZES, Petrópolis

MOUNIER, Emmanuel

O personalismo

1973, Livraria Martins Fontes, Rio de Janeiro

FREIRE, Paulo

Pedagogia do oprimido

1974, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro

(edições em inglês, espanhol e francês foram anteriores)

BARREIRO, Júlio

Educación Popular y proceso de conscientización

1974, Ediciones Siglo XXI, Buenos Aires

BEISIEGEL, Celso de Rui

Estado e educação popular

1974, Editora Pioneira, São Paulo

GAJARDO, Marcela

Educación campesina y cambio cultural: una experiencia piloto

1977, Educación Hoy, Bogotá

BEZERRA, Aída

As atividades em educação popular

1978, Revista CEI n; 22 - suplemento, Editora Tempo e Presença, Rio de Janeiro

MANFREDI, Maria Sílvia

Política: educação popular

1978, Edições Símbolo, São Paulo

Os anos oitenta

PAIVA, Vanilda Pereira

Estado e educação popular

In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.).

A questão política da educação popular

1980, Editora Brasiliense, São Paulo

BLASS, Leila Maria, BARROS, Sônia e MANFREDI, Silvia Maria

Educação popular – desafios metodológicos

1980, Cadernos do CEDES, ano 1, n. 1

Cortez Editora/Autores Associados, Campinas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

Da educação fundamental ao fundamental na educação

1980, Cadernos do CEDES, ano 1, n. 1

Cortez Editora/Autores Associados, Campinas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

A cultura do povo, a prática de classe: poema didático sobre a cultura do povo e a educação popular.

JARA, Oscar

Educación popular: a dimensión educativa de la acción política

1981, CEASPA/ALFORA, Panamá

COSTA, Beatriz Bebianio

Para analisar uma prática de educação popular

1981, NOVA/Editora Vozes, Petrópolis

MANFREDI, Maria Sílvia

Política e educação popular: experiências de alfabetização no Brasil com o método Paulo Freire.

1981

BEISIEGEL, Celso de Rui

Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil

1982, Editora Pioneira, São Paulo

JARA, Oscar

A educação popular na América Latina: o desafio de teorizar sobre a prática para transformá-la

In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.)

Lições da Nicarágua: a experiência da esperança.

1984, Papirus, Campinas

WANDERLEY, Luís Eduardo W.

Educar para transformar: educação popular, Igreja Católica no Movimento de Educação de Base

1984, Editora VOZES, Petrópolis

LIMA, Haroldo e ARANTES, Aldo

História da Ação Popular – da JUC ao PC do B

1984, Editora Alfa-Ômega, São Paulo

FREIRE, Paulo

Ação cultural para a liberdade

1985, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro

JACCOUD, Vera, COSTA, Beatriz Bebiano e COSTA, Maria Aída B.

MEB - uma história de muitos

1986, NOVA/VOZES, Petrópolis

FÁVERO, Osmar (org.)

Cultura popular e educação popular – memória dos anos 60

1983, Edições Graal, Rio de Janeiro

FÁVERO, Osmar

Uma pedagogia de participação popular: análise da prática pedagógica do MEB (1961-1966)

1984, PUC/SP, tese de doutorado

Publicado em 2006, Editora Autores Associados, Campinas

PAIVA, Vanilda

Anotações para um estudo do populismo católico e educação no Brasil

In: PAIVA, Vanilda (org)

Perspectivas e dilemas da educação popular.

1986, Edições Graal, Rio de Janeiro

BEISIEGEL, Celso de Rui

Ensino público e educação popular

In: PAIVA, Vanilda (org). ***Perspectivas e dilemas da educação popular.***

1986, Edições Graal, Rio de Janeiro

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

Educação alternativa na sociedade autoritária

In: PAIVA, Vanilda (org). ***Perspectivas e dilemas da educação popular.***

1986, Edições Graal, Rio de Janeiro

***Outros artigos, livros e escritos sobre
a educação, a antropologia e a literatura
podem ser livremente acessados
copiados, etc. no site:
www.apartilhadavida.com.br***